

## O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Ariane Pereira Da Silva – [arianesilvahistoria@gmail.com](mailto:arianesilvahistoria@gmail.com)

Bruna Santos Magalhães – [brunarap1@hotmail.com](mailto:brunarap1@hotmail.com)

### Introdução

Este presente artigo trata dos conceitos de aprendizagem, assim como dos conceitos relativos ao tema apresentados pelos professores e alunos. Um importante aspecto a ser abordado é a questão da qualidade escolar, que em muitos casos é confundida com quantidade, quando se aplicam as famosas notas escolares. Nosso principal objetivo é gerar uma reflexão, principalmente nos docentes em relação ao processo de aprendizagem vivido atualmente no campo da educação brasileira.

### Resultados ou análises

#### Educação: Qualidade ou Quantidade? A distorção das notas escolares

Quando se “mede” a aprendizagem através do sistema de notas, estabelecido atualmente em várias partes do mundo como uma obrigação para educandos e educadores, se desprestigia a educação, afinal a aprendizagem deve ser plena, visando os conteúdos ensinados e aprendidos, portanto não pode ser medida através de “médias” escolares.

Cipriano Carlos Luckesi, em sua obra intitulada “Sobre notas escolares: Distorções e possibilidades” publicada no ano de 2014 trata da consideração e abordagem das notas escolares, como as mesmas são apresentadas e aplicadas no âmbito escolar, além de abordar as problemáticas existentes nesse modelo de avaliação, assim como algumas possibilidades de mudanças.

Quando se “mede” a aprendizagem através do sistema de notas, estabelecido atualmente em várias partes do mundo como uma obrigação para educandos e educadores, se desprestigia a educação, afinal a aprendizagem deve ser plena, visando os conteúdos ensinados e aprendidos, portanto não pode ser medida através de “médias” escolares.

No primeiro capítulo de sua obra, “*Distorção epistemológica: contrabando entre qualidade e quantidade nas notas escolares*” o autor trata do viés epistemológico e filosófico.

As aprendizagens é medida atualmente como quantidade e não como qualidade. Nesse caso no ponto de vista epistemológico cada coisa tem sua função, ou seja, “qualidade é qualidade” e “quantidade é quantidade”.

No âmbito escolar atual, a nota pode ser vista pelo viés prático e pela teoria. Na primeira questão, as notas escolares seriam registros documentais, feitos pelos educadores, que tem função de apresentar a qualidade satisfatória da aprendizagem. Na questão prática, as notas escolares, se desvinculam da medida de qualidade, chegando a ganhar vida própria, se tornando “quantidade de qualidade”.

Quando se atribui a qualidade à realidade no ponto filosófico, resumidamente podemos entender que a mesma tem a ver com o atributo à realidade, ou seja, é uma atribuição feita pelo homem para demonstrar credibilidade ao seu próprio trabalho. No mesmo sentido a quantidade na visão filosófica assemelhar-se-ia com a realidade pelas condições físicas, ou seja, pelo que se tem nas mãos, como o caso das médias escolares.

Segundo Cipriano, do ponto de vista epistemológico ocorre uma contrabando de qualidade para quantidade, que pode ser percebido no modo de calcular-se a “qualidade”, através de números. Seria, portanto “[...] é a distorção básica presente nas notas escolares, que sustenta outras distorções [...]” (LUCKESI, 2014, p.30).

A discussão acerca da distorção citada circula no meio educacional ao tratar de avaliação quantitativa e avaliação qualitativa. É perceptível por quem está no âmbito escolar que a avaliação quantitativa, é substituída pela quantidade, neste sentido a precariedade escolar é eminente, quando se adentra em obrigatoriedade com tal sistema.

Um fator interessante na obra de Cipriano é a abordagem e apresentação do quesito filosofia em diferentes fases (clássica antiga, medieval, moderna e contemporânea. Neste sentido podemos observar como o conceito e os quesitos valor, qualidade e quantidade mudaram ao longo do tempo, e como chegamos ao patamar atual.

No capítulo II o autor trata da distorção presente na práticas das médias entre notas escolares, dividindo o mesmo entre as médias simples e as médias ponderadas. Vários fatores podem implicar nas distorções na prática de ensino como, por exemplo, a falta de investimento para que todos os educandos aprendam o que foi definido no planejamento, o que engloba o sistema de ensino, da instituição escolar e até mesmo o educador em sala de aula, que em muitos casos é obrigado pelo próprio sistema a modificar sua didática e valores,

para se “encaixar” às normas escolares, que visam à quantidade. Logo ainda nesse sistema as notas se apresentariam em símbolos numéricos como uma expressão de quantidade.

Na primeira parte deste capítulo em “Distorção presente na prática das médias simples”, são apresentados dados com a ajuda da epistemologia, a fim de destacar a impossibilidade no sistema de médias tratar de qualidade. “Em nossas escolas, pratica-se uma média entre notas escolares como sendo uma média entre “qualidades”; o que é ilusório, devido não existir médias entre “qualidades” (LUCKESI, 2014, p.54).

As notas escolares ocuparam e infelizmente ainda ocupam o centro das atenções no âmbito escolar. Os professores tem a preocupação em verificar que nota seu aluno “merece”, o aluno se preocupa se sua nota lhe fará “passar de ano”, os diretores e responsáveis pela escola, se preocupam em ganhar destaque no “ranking” brasileiro de “melhor nota = melhor ensino = mais aprovações em vestibulares”.

Dessa forma, nesse “efeito dominó” da educação escolar, a qualidade tende apenas a diminuir. Se um educando alcança a nota mínima para sua aprovação ele segue “dentro do tempo” enfrente com sua escolaridade, com uma carência de conteúdo e de aprendizagem. Mas é importante destacar que um educando tendo média 6,0 ou tendo média 10,0 não significa que o mesmo aprendeu mais ou menos, mas significa que esse modo de verificação de qualidade, na verdade se trata de medir a quantidade.

Na segunda parte do capítulo II, “Distorção presente na prática das médias ponderadas”, temos uma grande semelhança com a média simples no ambiente escolar. Porém a grande diferenciação nesta média, é que a mesma trata um pouco mais acerca dos conteúdos, onde são estabelecidos quais são mais ou menos importantes, e quais devem ganhar uma carga horária maior. A sobreposição de conteúdos também ocorre nessa média, pois aqui um terá mais peso que outro, assim como valor, o que fará o aluno a manter um foco maior no conteúdo com mais peso.

Essa escolha excludente dos conteúdos geralmente é feita pela gestão escolar juntamente com o educador. Mais uma vez temos um exemplo de priorização da quantidade e não da qualidade. Se todos os conteúdos fossem ministrados com o mesmo valor, peso e credibilidade a qualidade de ensino poderia ser elevada, o educando não se esforçaria mais para uma matéria do que para outra, e assim poderia manter o foco em todos os conteúdos em uma mesma proporção.

### No capítulo III “Distorção nas notas escolares decorrente dos instrumentos de coleta

de dados para avaliação”, Cipriano apresenta um pouco dos métodos de avaliação escolar e desse sistema de coleta de dados para a avaliação dos educandos e das escolas. Os chamados “instrumentos para avaliação” podem ser considerados máscaras para sua real função, coletar dados para avaliação. Os chamados recursos metodológicos de investigação são os responsáveis para coletar os dados para a avaliação. Sendo assim, coletam-se dados relevantes e que possibilitem um resultado satisfatório na “aprendizagem” do aluno.

Os instrumentos de coleta para avaliação distorcem os dados e assim consequentemente alteram o resultado final, pois se baseiam em instrumentos técnicos e assim não representam a realidade. Os meios para as coletas de dados deveriam ser bem preparados e elaborados a partir de métodos voltados para a escola e até mesmo para a didática.

Algumas carências são apresentadas pelo autor em relação aos instrumentos de coleta de dados. A primeira se trata da ausência de sistematicidade no que se refere aos desempenhos dos estudantes, ou seja, os instrumentos de coleta não abrangem todos os conteúdos essenciais e significativos. Nesse sentido o que tal coleta apresenta é uma aleatoriedade, ou seja, os conteúdos são apresentados e lecionados aleatoriamente.

A segunda carência apresentada é a ausência de linguagem compreensível. Muitas vezes a linguagem utilizada pelo professor é incompreensível para o aluno, tal forma de linguagem pode ser apresentada tanto no material didático quanto no método oral. Desse modo o diálogo entre aluno e professor pode e deve ser aproximado, principalmente no campo dos conteúdos, para facilitar a “aprendizagem real”, dos educandos.

A terceira carência trata-se das incompatibilidades entre os conteúdos ensinados e os solicitados, “[...] entre os níveis de dificuldade, entre os níveis de complexidade e, ainda, incompatibilidade metodológica [...]” (“ (LUCKESI, 2014, p.77). A quarta fragilidade se trata da carência de precisão, onde através de um mesmo modo e sistema se mede o “conhecimento” de todos os educandos, ou seja, todos são entendidos pela mesma comunicação.

Deste modo nesse capítulo percebemos acerca da coleta de dados, que a mesma distorce a realidade. Para melhor entendermos podemos verificar a questão do ranking nos quais uma turma ou uma escola se insere, se os instrumentos e métodos para a coleta de dados para a avaliação são falhos, logo o resultado também será. Tal ranking nem deveria existir,

pois se trata do quesito quantidade e não da questão da qualidade, ou seja, o que se chama de estatística de aprendizagem, na verdade é uma elaboração voltada para estatísticas numéricas.

A abordagem do capítulo IV trata do fetiche das notas escolares, onde a realidade é cada vez mais afastada das estatísticas. As médias escolares atuam de forma autônoma e independe da qualidade de aprendizagem dos educandos. As idéias marxistas são apresentadas nesse capítulo ao tratar da questão social e capital da escola. As mercadorias são produtos da humanidade, e a elas são atribuídos valores, deste modo no âmbito escolar não é diferente.

O que um aluno poderia aprender revisando uma prova, ou atentando-se ao que o professor lhe ensina, é esquecido e fica por trás da preocupação do mesmo com as notas, deixando assim em déficit o aprendizado. Os educadores por sua vez na sequência das séries escolares reclama que o aluno chega a sua classe sem uma base necessária de conhecimentos, para prosseguir em andamento com os estudos. Esse fator ocorre pela falta de vinculação do ensino com a qualidade de aprendizado. A escola por sua vez nesse contexto se enfraquece na qualidade de aprendizagem ao exibir em seu sistema a obrigatoriedade e o fetiche pelas notas.

O último capítulo da obra de Cipriano é intitulado: “Então, como registrar os resultados da aprendizagem dos nossos educandos?”. Nesse sentido o capítulo divide-se em dois tópicos, onde o primeiro “a prática presente em nossas escolas”, trata sobre a importância de “ensinar e aprender”. As notas escolares como temos hoje fragilizam o sistema de aprendizagem, pois o uso das notas escolares em nosso cotidiano, na vida escolar e social formam crianças, adolescentes e adultos, centrados e adaptados ao sistema.

O segundo tópico desse capítulo “então, como registrar o testemunho da qualidade da aprendizagem?”, nos traz alguns meios de “contornar” esse sistema de obrigatoriedade em relação à quantidade escolar que vivemos atualmente. A priori, a necessidade principal, seria assumir um registro do educando, em seu caminho pela “vida escolar”, ou seja, criar-se um testemunho de “qualidade” e não de “quantidade de qualidade”. A partir de tal ponto, seria necessário um investimento na questão da qualidade que implicaria em mudanças, dentre elas na questão pedagógica. O planejamento seria o ponto essencial para tal ciclo ser satisfatório, um planejamento que não se baseasse no sistema de notas, e que englobasse em sua formação todos os membros participantes do processo, ou seja: pais, alunos, professores e diretores.

Destaca-se então uma problemática importante, que se trata da questão das notas escolares, e dos métodos de avaliações utilizados nas escolas. Esse sistema de notas como já

foi dito distorce a questão da qualidade, transformando a mesma em quantidade, e adentrando cada vez mais no sistema repugnante de ranking escolar.

## A tarefa educativa na contemporaneidade

A obra **“O SABER HISTÓRICO ESCOLAR E A TAREFA EDUCATIVA NA CONTEMPORANEIDADE”**, das autoras: **ERNESTA ZAMBONI, MARIZETE LUCINI, SONIA REGINA MIRANDA**, trata com eficácia e desperta a reflexão acerca de tal tema.

As autoras iniciam sua obra com uma demonstração muito interessante. Trata-se de depoimentos de professores e graduandos (as) no curso de História. Tais depoimentos revelam a nós leitores uma série de diversos sentimentos de atuantes no ensino (educadores) e futuros exercedores da mesma função. É frisado e enfatizado que o “aborrecimento” contido nestes depoimentos advém de fatores que ultrapassam as barreiras da competência técnica e domínio de conteúdos específicos.

Talvez a principal questão a ser refletida seja a diferenciação entre o “ambiente ideal” para o “ambiente real”. A educação voltada para o social se estabelece, porém o ambiente exterior e interior das escolas propicia de certa forma um grande conflito entre professor – ensino – aluno. É importante destacar que tal aspecto não é o único a gerar conflitos e reflexões acerca do ensino de História nos tempos atuais.

O modelo de educação denominado por Paulo Freire de “educação bancária”, que exigia muito pouco de alunos e professores, se esvaiu, porém ainda continua presente em algumas escolas, deixando em muitos casos o ensino de História “cair” na monotonia. Neste sentido as escolas do passado assim como os “modelos” de professores e alunos modificaram-se, porém as dificuldades enfrentadas no ensino continuam, com o ambiente de crise mundial.

Na década de 1980 surgem os estudos culturais, que causam uma certa inquietação no âmbito escolar relativa à aprendizagem dos conteúdos e a cultura escolar. Porém é importante destacar que tal início de estudo geraria um olhar um pouco mais significativo para a importância de se estudar as formas culturais, dando ao professor um caráter de pesquisador e de fato de Historiador.

Após explicar um pouco acerca da criação de novas metodologias e caráter do ensino de História chegamos à questão da contemporaneidade, em relação ao ensino nos dias atuais. O conflito na atualidade aparentemente se baseia na diferença e dificuldade entre o teórico e o prático. Concluindo que não se deve jogar a narração histórica para um único campo de análise.

Sendo assim uma das problemáticas do ensino na atualidade é o empobrecimento do uso da narração história, que passa a ser utilizada em um único campo pelos educadores. É preciso que os professores, pesquisadores, do campo de História “se entreguem” às novas fontes e análises da atualidade, é preciso acompanhar a modernidade, respeitando cada indivíduo sociedade e cultura de modo a melhorar a convivência em sociedade, e principalmente em sala de aula, pois a relação aluno – professor é de extrema importância para que o ensino seja repassado de forma coesa e perspicaz.

## Conclusão

Segundo SAVIANE (1992) os educadores devem buscar nortear sua ação a partir de três objetivos fundamentais: a identificação das formas mais desenvolvidas em que se exprime o saber objetivo socialmente produzido, a transformação deste saber objetivo em saber escolar que possa ser assimilado pelo conjunto dos alunos e a garantia das condições necessárias para que estes não apenas se apropriem do conhecimento, mas ainda possam elevar seu nível de compreensão sobre a realidade

Porém o “dever” do professor vai além de ais objetivos, pois o mesmo além de elaborar o processo metodológico, pesquisar os conteúdos a serem ministrados, dentre outras funções, ainda deve estar atento à questões pessoais dos alunos, como por exemplo, o fato de um indivíduo não aprende do mesmo modo que o outro. Nesse sentido encaixa-se então a importância da didática ao professor, que irá permitir ao mesmo concluir tal processo de aprendizagem com eficácia.

Em conclusão é importante destacar que em muitos casos os professores se sentem desmotivados e presos aos sistemas e imposições das escolas. A frustração pode tomar conta quando os mesmos não conseguem identificar o retorno de seu trabalho exercido. Dentro deste quesito adentra-se uma das grandes problemáticas dos professores, que se trata dos conteúdos. A atividade docente em muitos casos enxutas os conteúdos seja para atender ao tempo anual pedido e imposto pela escola, ou até mesmo pelo preferentismo do docente pelo mesmo. Neste quesito devemos destacar que resolvendo tal problemática dos conteúdos muitas outras podem ser resolvidas, passando ao aluno uma aprendizagem muito mais satisfatória.

## Referências

JENKINS, Keith. “**A História Repensada**”. Ed. Contexto, 2007

SAVIANI, D. “**Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**”. 3. ed. São Paulo : Cortez, 1992.

VYGOTSKY, L.S. “**Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**”. In: LURIA et al. Psicologia e pedagogia I: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Lisboa: Estampa 1977. P.31-50.

\_\_\_\_\_. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Formação Social da mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. Obras Escogidas I. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones, 1991.

SILVA, Marcos. “**História que ensino é esse?**”. Ed. Papirus, 2013.